

VANESSA DA MATA

A filha das flores



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Vanessa da Mata
Publicado mediante acordo com a Literarische Agentur Mertin Inh.
Nicole Witt e. K., Frankfurt am Main, Alemanha.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Imagem de capa

Summertime, de Marcia de Moraes, 2011, grafite e lápis de cor sobre papel, 150 x 100 cm. Coleção particular. Reprodução de Renan Rêgo.

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Huendel Viana

Thaís Totino Richter

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mata, Vanessa da

A filha das flores / Vanessa da Mata. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2342-1

1. Ficção brasileira I. Título.

13-10078

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1. A manga de Eva

Uma BR comprida e sinuosa corta a cidade ao meio, leva aonde os olhos não veem. Ela liga e desliga a parte sul do pedaço norte do país, ativa as suas diferenças e saudades. No meio do nada, à deriva, a cidade se debate contra o esquecimento e o tédio. Nos quintais e nas ruas estão os velhos. Os sons dos gritos das crianças enchem os ares. O meu rosto se vira para o passado que, instantaneamente, me traz os dias que moraram em mim, como se eles ainda tocassem o presente.

Todos os anos, neste período, o céu é mexido pela revoada das araras de peito vermelho e amarelo. Dezenas e dezenas, que mergulham nas cores derramadas no horizonte. Somos levados pelo reboliço que elas causam. Nós, os mamoeiros, as mangueiras, as mangabeiras, os abacateiros e tudo aquilo que é colorido e vive.

De alguma forma, dá vontade de partir com elas, as araras. Muitas não aparecem mais, estão quase extintas. A gente se entristece, e deveríamos nos entristecer por todos os outros seres não vistosos. E se fossem tatupebas? Vespas? Gambás ou hienas?

A humanidade só se importa com o que enfeita, que se danem as hienas com o seu gargalhar detestável, irônico, malcheiroso. Nesses dias, sinceramente, eu me meteria por entre as araras e voaria no fundo do céu, até me faltar o ar.

Me lembrei de mim, pequenina, com oito anos, e de titia Florinda, já com doze. De nós duas seguindo o trieirinho das lava-pés, aquelas formigas davam a volta ao hemisfério. Éramos três ou quatro engrossando uma turminha por conta delas, o diabo em inseto, devoravam o jardim de roseiras. Abraçadas às folhas, avançavam com gostura e ignorância. Nós, mergulhados na noite, atrás das vermelhas cabeçudas, de lanternas em punho e com a atenção voltada para o trieirinho. As folhas das roseiras mordidas, sangrando no lombo das bichas bundudas e sem coração, apenas com fome. O corpinho não desgrudava da tarefa conquistada até o ponto de muitas horas de sacrifício. Se as puxássemos pelo tronco, na intenção de separá-las das folhas, bem podiam perder a cabeça, e muitas perdiam, mas jamais as folhas, as folhas elas não soltavam.

Passava uma vida, e nada de chegar à boca do formigueiro, nunca chegamos de fato ao mais antigo, ao pai de todos. Era um grande mistério. As formigas faziam acontecer o sigilo. Tinham uma grandiosa estrada de um vaivém intenso, interestadual, internacional — talvez mais importante do que a nossa BR. O cheiro da noite, o seu sereno, deitava na nossa testa, como que flutuando sobre nós.

Titia Florinda era vestida de olhos para aquilo, uma onça vigiando a coleção de presas. Era inteira no movimento delas. Às vezes corria veloz, atenciosa, para não pisar na estrada descamisada, despelada pelas bichinhas, desgastada e levemente afundada com o passeio do fluxo. Tão difícil quanto descobrir como começou uma fofoca — e o seu grande estrago — era encontrar o seu ponto central. Formigas não entregam segredos,

a sua organização é intransponível e a sua casa, um santuário. Gastávamos dias e noites inteiras na procura, começando sempre de onde havíamos parado na noite anterior. Para não nos perdermos, fincávamos bandeirinhas vermelhas no ponto onde terminávamos — um esforço danado, acumulado e admirado. Quando descobríamos um dos seus refúgios, o direito de fazer o que quiséssemos antes do veneno terminal era nosso, mas nunca encontramos a esperada matriz, jamais o esconderijo da rainha. Para nosso gosto e deleite, a nossa titia lançava sugestões de quando e como seria o fim da batalha. A descoberta seria marcada por um filete de querosene ou, para começar, um traque; havia ainda o álcool — uma enorme explosão, provocada por uma bombinha caseira de médio porte — e pronto! Estava traçada uma verdadeira guerra que jogaria os corpos das cabeçudas para todos os lados. Era o começo de um fim. Voltávamos para casa saltitando e respirando o ar dos vencedores: fino e puro. Fresco.

O nosso jardim era agitado: rosas para a sacristia da igreja, flores para o consultório do médico, para a secretaria da escola, para os funerais que aconteciam de vez em nunca — mas que quando vinham mais pareciam uma enxurrada, “acumulados de sete em setecentos”, como diziam os mais velhos. Naquela quantidade de pessoas, como não havia maior natalidade, a mortalidade também não mudava, e o que era visto pelos velhos com medo e exagero dos zeros era, na verdade, o ciclo normal da vida... e da morte. Os altares privativos das casas incrustadas nas ruelas também ganhavam flores. O nosso jardim dava para todos, inclusive para os mais de vinte trieiros de lava-pés que desmantelávamos todos os meses. A sua área ocupava dois alqueires, mais ou menos oito quarteirões — o que, para nós, equivalia a uns doze, aumentando a cidade e tornando-a mais charmosa.

Naquela época, eu achava que era chato aquele trabalho duro, dar de comer às plantas. Com um saco de adubo nas costas e sempre suja de terra, folhas e tocos, arranhada pelos severos espinhos. Conforme fui crescendo, passei a olhar para o significado de cada rosa, para o serviço que elas prestam, o alento que trazem, os romances que refazem e o encantamento que produzem. A beleza das espécies. Não se pode olhar uma flor sem o coração, geralmente é ele quem as vê. Se tivesse compreendido isso antes, não me importaria muito de ter colhido todas elas, com os seus caules truncados, e decepado as suas pétalas doentes.

Ao entardecer, titia Margarida, irmã mais velha de Florinda, sempre nos esperava do lado de fora da nossa casa, sentada na sua cadeira de bunda amaciada pelo tempo, com todo o formato dela, rindo da caça às feras, chacoalhando a voz dos pés à cabeça, e sempre repetindo: “É no que dá a falta do que fazer dia sim, dia não, né? Amanhã entrego uma enxada para cada uma, para carpirem o quintal de seu Tenório, que está cheio de ervas daninhas e carrapichos. Isso vocês não querem, né?”.

Já titia Florinda, sempre retrucante, dizia que nos ver fazendo aquilo a divertia, que o nosso brinquedo era o dela. Uma vida entediada e parada, gangorrandando na emoção de outras.

Margarida havia cumprido os seus dezoito anos, estava em idade de primeiro e último namoro. Os costumes da cidade grande, modernos e mais soltos, afrouxam os compromissos e nem sempre chegam a lugares como o nosso. Muitas cidades ainda moram nas décadas de quando surgiram, nas suas formações arrumadas, onde podem prender as anarquias dos malandros e controlar as assanhadas. Imóveis, se arrastam pelos anos sem se desenvolver, continuando nas suas pequenices e intrigas, adorando o fato de serem ilhas, cuidando da aparência de todos.

Se preparando para o casamento, que já se emoldurava no

desejo, a minha titia também cuidava da aparência. “Um moço promissor da cidade”, ela dizia, “com tudo o que uma mulher pode querer de um homem.” Enumerava as suas qualidades, se exaltando. Eram elas a beleza, para acordar e dormir com bom humor; a simpatia e o carinho, para sentir saudade; a aparente fidelidade, para perdoar a primeira traição e acreditar que será difícil uma segunda; a inteligência, para, pelo menos, ele esconder as outras depois daquela primeira traição; um bom papo, para se relevar também as outras coisinhas chatas, só sabidas com a convivência; a boa voz, que é beleza mais vista e atrativa para a mulher, para haver sedução ao telefone, ao pé do ouvido, como os locutores de rádio; e, finalmente, a vontade de trabalhar com um ofício que traga admiração, em muito a responsável pela continuidade de amor na vida de um casal. Isso sim era macho de respeito! Tudo regado a uma situação de viver em interior, onde as línguas das senhoras trabalham muito e fazem acontecer, compensando assim o que desacontece.

Diziam os vingativos que as tais fofoqueiras teriam todos os traumas causados por elas revelados nos seus enterros, escritos nas suas línguas, que se estenderiam como pergaminhos, contando os seus males. Nas suas mortes, as línguas das fofoqueiras se rebelariam e sairiam dos seus corpos. Iriam ao lado do caixão, em caçambas, carroças, carrocerias, dependendo do tamanho da fofoca e da destruição causada por elas. Cheirariam tão mal que ninguém mais, nem os seus poucos entes queridos, as acompanharia até o túmulo. Elas, as senhoras donas das suas línguas, quando ouviam tais pragas, paravam por algum tempo a sua compulsão, rezavam dezenas de novenas... mas logo caíam no vício novamente. “A sua língua será enterrada em uma carreta, fedendo como ovo podre”, gritava um e outro, depois de qualquer fofoca descoberta.

Titia Margarida achava que estava certa nas suas escolhas,

os seus seios e pernas permaneciam firmes e esticados, arrebatadores e nocauteadores. E as suas coxas não podiam ser mostradas em qualquer dos cantos da cidade. Ela obedecia de pronto à picuinha da fofoca antes de ela começar, assim evitava qualquer mote. O invejador ditava as regras, e titia não as testava. Talvez estivesse realmente na maturidade do relacionamento formador de família, que não permite caçar formigas nem pular horas, se encontrando com o nada. Poderia dormir com os filhos nas ideias, enquanto nós, muitas vezes, dormíamos em cima de um ingazeiro velho, olhando os seus frutos que se assemelhavam a cobras, cada um com o seu galho largo e aprazível servindo de abraço. De madrugada, ele se balançava, e o barulho das folhas era sombrio, deslanchava lendas que contávamos baixinho como um remédio de brincar que produzia arrepios, mas que era também acalentador. Batia no íntimo fantasmagórico dos pântanos e no ninar da tarde da criança mais tranquila. Cheirava a sombra e ao que era escondido, nunca claro o bastante. As estrelas relaxadas e exibidas. Na luz de agosto, no pôr do sol, tons de laranja coloriam a todos e a tudo. O amarelo dourado ferrugem, quando chegava, era como se fritasse o final da tarde.

Durante o pôr do sol, era possível ver o outro lado do mundo logo ali, até o cheiro podíamos sentir: cheiro de palavras deixadas de molho e saídas estufadas — raçudas — esperadas em frente ao forno de tantas horas. A molecadinha juntava teorias: que a noite tinha assassinado o dia, ou que as cores que nos invadiam eram dos estágios da briga e da morte dele. Contavam os detalhes.

Em cima do ingazeiro, narrando como um homem de circo, titia Florinda fazia as honras: o amarelo era o começo do inflamado, o início da grande luta; o roxo, a primeira punhalada, seguida da facada mortal; o vermelho, o seu sangue derramado no horizonte; e, por último, a penumbra da escuridão: a noite

retirando o corpo do dia, jogando-o no precipício do outro lado do mundo e tomando o seu lugar de uma vez. Para matar o dia, a noite usava um punhal especial, cravejado de brilhantes que, depois do feito, se distribuía em espécimes conhecidas como estrelas.

O céu dali é mais bonito, mais largo e profundo do que em qualquer outro lugar. Enquanto um contava a saga da luta entre os dois seres gigantes — a noite e o dia —, vez por outra eu contava a minha versão:

“Nossa Senhora borda o maior céu para nós, em um tecido que não se anuncia em acabar. É como se existisse um céu para cada noite e para cada lugar, para nos fazer companhia. Nossa Senhora nos deu este. O dia não morre, ela apenas o tapa para dormirmos num tecido grosso e milenar. Os furinhos no pano velho fazem com que a luz o atravesse e não nos deixe totalmente no breu.”

Titia Florinda ria dessa história e fazia questão de contá-la a todos os vizinhos, junto com a resposta dela, claro: “Nossa Senhora tem mais o que fazer do que ficar bordando, bordando”. Eu caía do sonho sempre que ela dizia isso.

Quando acordava, os tempos eram cheios. O dia não se adiantava nem atrasava, tudo era visto com o espanto de quem descobre coisas novas a todo instante. Era cheirado e sentido honestamente, demoradamente. As coisas em tamanhos enormes, da casa às frutas. Acho que, com os anos, as nossas energias de observação diminuem, junto com o olfato, o tato, a visão e a energia vital, e a nossa percepção vai se apagando na distração e nos afazeres. Perdemos a amplitude da infância, que nos faz perceber os detalhes puros e a enormidade das coisas.

Num lado afastado do grande quintal, que se emendava com o jardim, havia mangueiras centenárias. Na época dos seus frutos, o chão se pintava de mangas e cheiros: coquinho, espa-

da, bourbon, sabina, boi e abelhas de todos os tipos. Besouros, uns bichos do mato e, no alto das suas copas frondosas, araras e outros pássaros que conseguiam driblar as suas onipresenças. Todas com os seus pares, casadas para sempre, monogâmicas até a morte, e depois dela também. As senhoras frondosas, que chamávamos de baianas, eram generosas com todas as espécies e bichos de diferentes tamanhos, dos grandes aos rastejantes — até com as vacas do nosso vizinho Tenório, que dependuravam os pescoços nas cercas para alcançar algum fruto, e muitas vezes só faltavam pedir “por favor” ou “pelo amor a Deus”. A cada mugido aprendiam a ganhar mangas. Era uma verdadeira luxúria. Quando alguma manga pequena, morta antes do tempo, caía, fínávamos uma varinha entre ela e uma manga maior e, nesta, quatro varetas imitando as pernas.

O fruto proibido era uma maçã?!

Só se Eva não conhecia a manga!

Lambuzávamos do rosto às bochechas, das mãos aos braços, e as ideias não eram mais as mesmas.

Tínhamos deliciosas alternativas para sermos felizes. Não dependíamos de luxos ou de outros instrumentos mais difíceis do que as nossas danuras. Enquanto os meninos de cidades grandes brincavam com legos, nós tínhamos as formigas, o dia recomeçando, tudo de novo e de novo, e era tão bom. Os carinhos da vida paravam lá. Era como um represar de acontecimentos maravilhosos. Não que as coisas maléficas não nos atingissem, não é isso, mas elas não se demoravam, apenas passavam, como o vento do norte ou as araras. Não nos pertenciam.

Titia Florinda era a caçula de duas irmãs de uma grande família fêmea por excelência e natureza. Era a única que ainda não tinha vestido o tal sapatinho de moça, em cuja frente bordavam umas pedrinhas faiscantes de brilhantinhos falsos ou reais, dependendo do poder aquisitivo da madrinha que o presentea-

va. O tal sapatinho com que as meninas sonhavam quando a puberdade chegava. “Esse é para ver Deus, nada de usá-lo à toa, de sujar o seu saltinho no barreal — apenas quando tiver a festa de noivado”, dizia a sua madrinha quando lhe deu, aos seus doze anos, a “cesta imaculada”, cheia de diversos presentes: pulseiras, fitas aveludadas, prendedores de cabelo, perfume — verdadeiros mantimentos de guerra para sedução que, se usados antes do tempo, poderiam provocar o caos.

Florinda mal começava a ouvir essas recomendações de casamento e bom marido e logo fingia ir ao banheiro, escapulindo pela janela através da buganvília que dava para o seu quarto — fugindo daquilo que para ela era uma tortura. Cansada dos papos e conselhos que trazia da missa dos domingos, de beijar a mão peluda do padre, de se sentar assim e comer assado, ela pensava longe dali, parecia que desejava alguma coisa que a pusesse na rota da BR e a levasse embora, ou pelo menos para longe do trivial. Sempre deixava os sapatinhos para um dia do próximo ano que viria, e corria para a estrada do cemitério que ia dar em algumas fazendas e lugares proibidos. Foi crescendo para os quinze anos, para os dezesseis, e sempre preferindo o cavalo, saltitando e deixando os cabelos ao vento, os seios adiantados e soltos, harmoniosamente firmes, sacolejando com os saltos. Ela apertava e afrouxava as coxas até estremecer, debruçando o peso nelas, se roçando na coluna do cavalo, que massageava o seu clitóris. De vestido de seda, com as devidas transparências, se deitando para trás e para a frente, esfregando a sua boca das pernas entre um nó e o outro da coluna do animal. Respirava um súbito ar de amêndoas, daquelas deitadas no fogo, com mel e chocolate. Deitava sobre o cavalo como se ele fosse um amante, e ela um vento desgovernado. O delírio era de todos os que viam. Existia uma estranheza excitante e constrangedora, água que brotava na boca sem explicação, sem a gente saber como

aquela sensação começava ou como poderia passar. O cavalo, relinchando, retorcia o pescoço para trás e lambia furtivamente o seu tornozelo. Não havia temperatura que apaziguasse o calor de todos os testemunhos. Era preciso um banho de rio, gritos, correrias e risadas nervosas de todos nós para aliviar os novos sentimentos. Titia Florinda pertencia à turma que passava a meia-noite no cemitério, que gostava de ver a lua cheia e fantasiar monstros nela, de projetos de sair pelo mundo com os ciganos, de fugir com o circo — ela era mais do que minha amiga, era minha confidente.